



| | | |
|---------------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| Veículo: O liberal | Caderno: Atualidades | Página: 02 |
| Data: 27/02/2016 | | |
| Assunto: Brasil | | |
| Tipo: Nota- | Ação: Espontânea | Classificação: Positiva |

Brasil 2016: perda total!

No meio do tiroteio político, muita bala perdida está acertando no coração da economia: a credibilidade da política econômica vai definindo a cada dia que passa.

Nesses primeiros dois meses de 2016, merecem registro:

a) A inflação continua fora de controle. O IPCA-15 de fevereiro aumentou 1,42%, bem mais que o de janeiro, quando a variação bateu em 0,92%. A alta acumulada em 12 meses chegou a 10,84% (Uau!). Estamos no número mágico da inflação de dois dígitos. É verdade que o número final do mês deve ser divulgado no começo de março. No meio da insegurança jurídica e da falta de perspectiva, uma única certeza: somente uma brutal recessão pode baixar a inflação;

b) A economia continua murchando. Os investimentos públicos e privados desapareceram, o desemprego subiu em janeiro, a renda do trabalho diminuiu ainda mais e a arrecadação federal encolheu em termos reais quase 7%.

c) Caminhamos para o calabouço com uma queda livre de cerca de 4% no Produto Interno Bruto. Será o terceiro ano (2014-2015-2016) em que a economia despencará;

d) O rebaixamento do rating do Brasil, disparado anteontem com a perda do grau de investimento na Moody's, e o que é dramático, com perspectiva negativa para o médio prazo, indica que o financiamento externo será escasso e extremamente caro - sabe Deus por quanto tempo;

e) Barbosa anda dizendo que fez a sua parte com o patético pacote de R\$ 83 bilhões, parte dele garantido com o

FGTS dos desempregados e outra parte com o apodrecimento dos ativos dos bancos públicos federais. "Estamos levando o cavalo para beber água", explicou para os jornalistas. (Não ficou bem claro quem seria o cavalo). Barbosa talvez não saiba, mas ele empregou de forma pouco precisa o ditado inglês "... to lead the horse to water" ("levar o cavalo para a água") não significa "levar o cavalo para beber água". A má tradução aparentemente foi intencional. O que o ditado - na forma usada por Barbosa - deixa implícito, é que o cavalo levado até a água "só não bebe se não quiser"! Missão cumprida!

Ora, originalmente foi o economista norte-americano, Nobel em Economia, Milton Friedman, quem mostrou que esse negócio de "ofertar" crédito quando as expectativas econômicas são negativas não funciona. ("O Papel da Política Monetária", AER, 1968). Usando o ditado com sabedoria, Friedman mostrou que levar o cavalo para água não é condição necessária nem suficiente para que ele beba. A demanda é que decidirá se quer tomar crédito ou não. Qualquer excesso de crédito ofertado será simplesmente guardado na tesouraria dos bancos. É o que está ocorrendo no Brasil. Ninguém quer se endividar mais. Depois de endividar o Estado de modo grosseiro, Barbosa agora quer endividar o setor privado. A missão foi um fracasso!

f) E agora a tal da "banda cambial". Isso é sinônimo de déficit fiscal seguro. Tem todo o sentido se falar em "banda monetária", pois ela existe apenas para o caso de um choque na economia

(algo absolutamente inesperado, como a palavra "choque" sugere. Assim, se a meta monetária é de 4,5% ao ano, podemos, com bom uso da razão, admitir uma margem de segurança de, digamos, 2% que - na hipótese de choques exógenos, como geadas, ou terremotos, ou ainda uma elevação abrupta no preço de insumos como o petróleo, e assemelhados - possam fazer a meta flutuar entre 2,5% e 6,5%.

No caso do gasto do governo, não pode ser assim. Todo gasto com dinheiro público tem der planejado. Somente um "choque mental pervertido" admitiria sinalizar para a economia um déficit fiscal de R\$67 bilhões ou um superávit de R\$ 23 bilhões. É como se alguém dizer que o seu time de futebol "com certeza" iria ganhar de 3x0 ou perder de 7x0! Aqui existe um "choque negativo" nas expectativas quanto à verdadeira disposição do governo de desejar usar de forma saudável o dinheiro público. O resultado é uma doação de recursos escassos e caros para o setor privado no mercado financeiro, elevação da curva de juros, e, conseqüentemente, o encarecimento do financiamento para o setor público e para o setor privado. Ou seja, o aumento da concentração da riqueza, da inflação e agravamento da recessão!

Sanatório geral!

■ **Mário Ramos Ribeiro é doutor em economia pela USP, docente da UFPA, consultor em Finanças Empresariais.**

E-mail: mramosribeiro@uol.com.br